

**Observações sociológicas numa comunidade  
teuto-brasileira**

FRANCISCO S. G. SCHADEN

Do Inst. Hist. e Geogr. de Santa Catarina (1945)

# Observações sociológicas numa comunidade teuto-brasileira

FRANCISCO S. G. SCHADEN

Do Inst. Hist. e Geogr. de Santa Catarina

Os informes contidos neste artigo referem-se a alguns aspectos da vida social em São Bonifácio, povoação teuto-brasileira fundada em 1864 e situada no município da Palhoça, a uns 80 km ao sul de Florianópolis. Em sua grande maioria, os moradores são descendentes de imigrantes da Vestfália. A povoação conserva um caráter acentuadamente rural, sendo bem poucas as pessoas que não se dediquem exclusivamente a atividades agrícolas. Quanto à religião, os colonos católicos constituem considerável maioria em relação aos protestantes.

Durante muito tempo, a população se compunha somente de alemães e descendentes de alemães, tendo apenas contactos esporádicos com elementos de descendência lusa. Esse isolamento quebrou-se, todavia, há uns dez anos, com a construção da estrada de rodagem que liga a capital do Estado com os municípios meridionais. Acompanhando o vale do Capivari, a rodovia atravessa a vila de São Bonifácio, como outras povoações teuto-brasileiras do sul de Santa Catarina.

Uma série de dados sobre a vida social dessa localidade, relativos à festa do casamento, aos costumes ligados ao nascimento, às práticas observadas por ocasião dos óbitos, etc., não precisam de ser incluídas aqui, porquanto tivemos oportunidade de expô-los em trabalho anterior, apresentado ao IX Congresso Brasileiro de Geografia, reunido em Florianópolis, em setembro de 1940. (1) A aculturação linguística em São Bonifácio foi objeto de um artigo publicado nesta revista. (2)

---

(1) Francisco S. G. Schaden, *Notas sobre a localidade de São Bonifácio (Santa Catarina)*. Florianópolis, 1940.

(2) Egon Schaden, "Aculturação linguística numa comunidade rural", *Sociologia*, vol. IV, n.º 3, págs. 268-283. São Paulo 1942.

No presente trabalho, contentamo-nos com a exposição simples e despretensiosa de observações que nos parecem ser de interesse sociológico, mormente no que se refere à organização da família. Esperamos que, cotejados com informes colhidos em outras regiões de colonização alemã, estas notas possam ser aproveitadas para estudos mais desenvolvidos sobre a aculturação dos teuto-brasileiros.

\* \* \*

Quem entra numa casa de colono, em São Bonifácio, fica admirado ao ver o interior extremamente primitivo. De um modo geral, pode-se dizer que o colono passa somente a noite na morada. O dia é dedicado ao trabalho da roça. Só aos domingos encontra mo-lo em casa, quando não sai a visitar algum vizinho, para conversar ou jogar cartas. E' por isso que dispensa pouco interesse à decoração e guarnecimento interiores, pois não haveria quem os apreciasse. Na maioria das moradas não há cadeiras, mas apenas bancos; também não há guarda-roupas, que se substituem por simples ganchos colocados, às vezes, debaixo duma prateleira. Há mesmo quem se contente com algum cordel esticado entre duas paredes, e no qual se penduram, indistintamente, as peças do vestuário. Em todas as casas encontra-se uma espécie de baú, a que chamam *Kist*. Nele se guarda tudo o que se considere objeto de valor. Uma espécie de cristaleira existe igualmente em todas as moradas; a parte superior recebe objetos de vidro e de louça, e na inferior guardam-se trastes velhos.

A exceção das crianças de pouca idade, todos se levantam ao romper do dia. Enquanto um dos membros da família faz o café da manhã, os outros vão tratar os animais. Depois, tomam a refeição conjuntamente. Esta consiste em café com pão. Sobre o pão usa-se nata, requeijão com leite, e mel. Manteiga raramente se consome, porque a sua venda constitue uma das fontes de renda da família.

Após o café, todos vão à roça. Vale isto para as famílias ainda pequenas, em que não há filho bastante crescido para encarregar-se de algum trabalho em casa, como, p. ex., da preparação da comida. Ficando alguém em casa, êste leva o primeiro almôço (*Fruhstück*) aos que foram à roça. Caso contrário, êstes o levam consigo logo

de manhã. Além de uma grande chaleira de café com leite, o *Frühstück* consiste em pão, com manteiga ou requeijão misturado com leite, como na primeira refeição da manhã, ou então de bolinhos de fagópiro, batata refogada e ovos.

No verão, a sesta é de duas horas. No inverno, em que os dias são mais curtos, descansa-se menos, embora também haja menos trabalho.

Como o almoço, o jantar se compõe de pratos quentes, aos quais, no entanto, se acrescenta café com pão.

Entre os católicos, toda a família reza em comum, antes e depois das refeições principais. Nos meses de maio, junho e outubro, costuma-se fazer ainda uma novena (*Andacht*). Também em famílias protestantes tivemos ensejo, várias vezes, de observar que rezavam por ocasião das refeições.

À noite, quando se volta da plantação, trazem-se, sobre os ombros, pesadas cargas de forragem recolhida durante o dia. Feito o trabalho-da-noite (*Abendarbeit*), janta-se, e, em muitas casas, começa-se desde logo a preparar o almoço para o dia seguinte, pois durante o dia muitas vezes não sobra tempo para isso, pelo menos nas famílias novas. É que todo o esforço visa à obtenção da necessária estabilidade econômica. Com os anos, vai, então, arrefecendo o excessivo pendor pelo trabalho agrícola.

A idade de casar varia dos 21 aos 25 anos para os moços, e dos 19 aos 21 para as moças.

Como a opinião pública reprova os casamentos mixtos, os pais preferem que o jovem escolha uma noiva da mesma ascendência étnica e de igual crença religiosa. Filhos de pais abastados, por sua vez, costumam casar-se com moças em iguais condições. A uma jovem em vésperas de casamento as amigas disseram que o noivo não era dos mais inteligentes, ao que ela respondeu que ele possuía dinheiro. Embora nem sempre prevaleça esse ponto de vista, pode-se dizer que os pobres, em geral, se associam aos pobres.

Antes do casamento, o jovem adquire o terreno em que pretenda estabelecer-se. Caso os pais possuam terras bastante extensas, cedem-lhe uma parte; em retribuição, ele pagará mais tarde uma determinada quantia, com que se beneficiam as filhas, caso as haja na família.

Nem toda família está em condições de fornecer a cada filho, que queira casar, o dinheiro necessário para a compra dum terreno. Ademais, os vários lotes já estão muito parcelados, e o colono, para ter auto-suficiência econômica, precisa de pelo menos 484.000 m<sup>2</sup>, i. é, uma "colônia". Em média, o preço duma colônia é de 4.000 cruzeiros. Em muitos casos, o jovem se vê na contingência de pedir dinheiro emprestado, para efetuar a compra de um lote. Quando destinado a êste fim, obtem-se o dinheiro com relativa facilidade; todavia já é mais difícil do que há uns trinta ou quarenta anos.

As filhas recebem dos pais, por ocasião do casamento, um cavalo de montaria com selim, utensílios de cozinha comprados na venda mais próxima, roupa de cama completa ou a fazenda correspondente, um ferro de passar roupa, uma pequena máquina de costura e, se possível, ainda algumas cabeças de gado. Se o moço é de família pobre, que não esteja em condições de dar-lhe um lote de terras, os pais da noiva muitas vezes entregam a esta desde logo a soma de dinheiro que se calcula corresponder a sua futura herança. Isto, para se pagar o terreno ou, pelo menos, dar um sinal. E se as duas famílias não possuem bens de fortuna, o casal resolve, às vezes, o problema estabelecendo-se em terras devolutas.

Adquirido o terreno, o rapaz trata, quanto antes, de fazer a primeira roça. Os irmãos solteiros, se os houver na família, ou o próprio pai o auxiliam nesse trabalho, bem como na construção da casa. Às vezes, os pais da noiva, por sua vez, mandam alguém para ajudar.

Em fins de abril ou em maio, quando está maduro o milho, base da alimentação da família e do próprio gado, é que se realiza o maior número de casamentos.

Para a festa do casamento contribuem os pais de ambos os noivos. As bodas realizam-se ora na residência de uns, ora na dos outros, onde haja melhores condições de espaço. Sendo os noivos de povoações diferentes, festeja-se a despedida na localidade de que se afasta um deles. A festa, consistindo em pequeno baile com banquete, é comparavel a um casamento em ponto pequeno. Os hóspedes são convidados. Visitas de despedida fazem-se apenas aos parentes mais próximos e às famílias vizinhas.

Logo após o casamento, o casal inicia a vida regular de colono. A mulher participa dos trabalhos da lavoura da mesma forma como o marido: ambos roçam e capinam, ambos plantam e colhem; só a derrubada da mata virgem é tarefa exclusiva do homem, pois a mulher, por motivos físicos, não seria capaz de fazê-la.

Às vezes, o casal fica morando com os pais de um dos cônjuges, fato que, no entanto, se observa somente quando o respectivo filho é o mais novo da família. Neste caso, fundem-se as duas famílias, realizando todos os trabalhos em comum. O dinheiro obtido com a venda de produtos agrícolas fica, de ordinário, em mãos do chefe da família mais nova, porquanto lhe cabe a administração da propriedade. Para as suas pequenas despesas particulares, os velhos dispõem comumente de algumas economias, uns três ou quatro mil cruzeiros, quantia suficiente para esses gastos. Começam a guardar avidamente esse dinheiro antes do casamento do último filho, dizendo que "não convem tirar a roupa antes de deitar-se".

Em geral, observa-se boa inteligência entre os dois casais, enquanto são vivos ambos os velhos; mas quando resta somente um deles, frequentemente a permanência deste na família não agrada mais aos jovens. O velho ou velha procura então a casa de outro filho, levando consigo apenas a cama, as roupas e o resto de suas economias. São raríssimos os casos em que a família mais nova abandona a morada dos velhos.

Outrora o casamento religioso era suficiente para a constituição da família. Instituído o registro civil, os moradores da povoação não tardaram a sujeitar-se às disposições da lei. Todavia, atribuíram sempre importância secundária ao casamento civil, e os noivos, considerando-o mera exigência legal, não compareciam ao ato em trajes de festa. Com a instalação de um cartório de paz na própria localidade, o ato civil aos poucos foi sendo combinado com a cerimônia religiosa. Entretanto, não se deixou ainda de atribuir maior valor a esta última.

Nos primeiros anos, rapazes e moças da colônia aceitavam às vezes trabalho fora da propriedade paterna; era um meio de se ganhar algum dinheiro, coisa rara naqueles tempos. Dirigiam-se a centros maiores, como Águas Mornas, Palhoça e Florianópolis, empregando-se na economia doméstica, no comércio e na indústria, ou então trabalhavam nalguma propriedade agrícola da própria

região colonial. Em época posterior, quando os colonos passaram a ganhar dinheiro com a venda de produtos, alcançando aos poucos uma situação estavel, deixaram os filhos de aceitar trabalho fora da propriedade dos pais. Nos últimos tempos, verifica-se, porém, outra coisa. Trata-se mormente de moças casadouras, que, não tendo encontrado cônjuge, abandonam a localidade para trabalhar como empregadas em Florianópolis; procuraram, assim, apenas fugir da situação desagradavel de solteironas, pois não as move a intenção de arranjar marido na cidade. Decorrido algum tempo, costumam, porém, tornar à casa paterna, dada a dificuldade de se ajustarem à vida urbana. De ordinário, ficam então morando na propriedade dos pais, mesmo depois de esta passar às mãos do filho mais moço; levam aí uma vida bastante modesta, mais ou menos como os velhos, com a diferença de fazerem uma pequena roça por conta própria, porque não dispõem de economias para as suas despesas pessoais.

Dos professores solteiros que regeram a escola da localidade, um único procurou aí casar-se; tê-lo-ia conseguido, se não se tivesse retirado por outros motivos. Outros professores, em povoações vizinhas, casaram-se com filhas de colonos, mas nunca das famílias mais abastadas. Imigrantes recentes (*Neudeutsche*) que se estabeleceram em São Bonifácio não desfrutam notavel prestígio; além de vangloriar-se constantemente da instrução escolar recebida na Europa, não perdem ocasião de cantar os louvores da terra natal. Os colonos antigos não impedem que os filhos se casem com os dèsses ádvenas, mas também não olham êsses casamentos com simpatia. Trabalhadores da estrada de rodagem, quer sejam luso ou teuto-brasileiros, só conseguiriam talvez arranjar cônjuge em famílias menos abastadas.

Embora marido e mulher participem de igual forma das atividades agrícolas, cabe àquele escolher os locais para os roçados, ao passo que a mulher determina apenas o lugar da horta. A esposa ajuda igualmente a tratar o gado que se econtra no faxinal. Há mulheres que realizam todos os trabalhos, exceto talvez o manejo do laço.

Antes de comprar ou vender algum terreno, o marido naturalmente ouve a opinião da esposa. Depois de chegarem a um acôrdo, realiza-se a transação no cartório distrital.

Sempre que possível, os velhos procuram evitar um futuro inventário, razão pela qual distribuem os imóveis entre os filhos, logo que estes cheguem à maioridade ou queiram casar. Nesta hipótese, devem-se, porém, pagar duas vezes os impostos de transmissão, a não ser que se resolva transmitir a propriedade diretamente ao cônjuge do filho. E' que a lei não permite que os filhos comprem imóveis aos pais, salvo em casos determinados, e mediante consentimento escrito dos outros filhos.

Para o colono, a prole numerosa constitue uma riqueza, pois os filhos trabalham na propriedade, como auxiliares não remunerados, até eles próprios constituírem família. As famílias de imigrantes tinham, em geral, poucos filhos, uns três ou quatro; em algumas não se registou nenhum nascimento após a chegada ao Brasil. Aqueles filhos, porém, tiveram famílias muito numerosas, sendo poucas as que contavam menos de oito ou dez descendentes na primeira geração; em algumas havia quinze ou mais. Em época mais recente, a prole tende novamente a tornar-se menos numerosa.

As mães, sem exceção, alimentam os lactentes com o leite materno; ignoram, porém, as regras da higiene hoje em dia prescritas pelos médicos, como desinfecção dos seios, horário fixo, etc. Ocupadas constantemente com os trabalhos agrícolas, não lhes sobra muito tempo para a educação dos filhos. Logo que um deles esteja suficientemente crescido, este deve cuidar dos irmãozinhos. Aos poucos, as crianças vão aprendendo todos os trabalhos domésticos e agrícolas. Não é coisa extraordinária ver-se um rapaz que saiba cozinhar, fazer pão e lavar roupa; e as raparigas, por sua vez, executam trabalhos pesados em casa e na roça.

De vez em quando, algum dos filhos é mandado à venda para fazer compras ou vender produtos agrícolas; todavia as meninas não costumam sair desacompanhadas, levando consigo pelo menos um irmãozinho ou irmãzinha de seus três ou quatro anos de idade.

Para desenvolver-se nos pequenos o gosto pelo trabalho agrícola, permite-se-lhes fazer, aqui e acolá, uma pequena roça "de sua propriedade", cujos produtos negociam na venda. Ao dinheiro assim obtido, os pais frequentemente ajuntam uns poucos cruzeiros, pois sabem que é gasto com alguma coisa util. As crianças menores compram um chapéu de palha, um par de tamancos ou um pedaço de fazenda para uma peça de roupa. Os rapazes mais

crescidos retêm uma parcela do dinheiro para gastá-la no jogo de cartas, na compra de cigarros, etc. As meninas gastam tudo com o vestuário.

A partir dos quinze ou dezesseis anos, os rapazes e as moças frequentam as domingueiras; é verdade que já começam a dançar antes, mas somente em reuniões de família. Na domingueiras gastam somente os rapazes, oferecendo às moças, esporadicamente, alguma bebida. Em anos anteriores, reinava mais cordialidade nessas reuniões; os jovens compravam alguma latas de sardinhas, ameixas em conserva, bebidas, etc., e tudo era consumido pelos rapazes e moças conjuntamente. Vestia-se a roupa comum dos domingos: em geral, somente calça e camisa; dansava-se descalço e até de chapéu na cabeça. Aos poucos, porém, êsses hábitos foram sendo substituídos por maneiras mais urbanas.

Os pais auxiliam os filhos para poderem enfrentar as despesas com o vestuário e outros requisitos da vida "moderna"; pois é o prestígio da família que está em jogo. Em leilões realizados nas festas ou aos domingos, diante da igreja, os rapazes chegam a pagar preços exorbitantes por ninharias; embora o moço seja considerado o comprador, não é menos certo que os pais o ajudam nesses gastos.

Costuma-se ajustar o casamento após um namôro de um e meio a dois anos, aproximadamente. Não há noivado ou coisa parecida. Embora não lhes faça nenhum pedido formal, o rapaz discute o assunto primeiro com os próprios pais, cujo auxílio lhe é indispensável para constituir família, e a seguir trata de pedir o consentimento dos pais da noiva.

Relações sexuais prenupciais são muito raras. O símbolo da noiva virgem é a grinalda de mirtas, e toda jovem se empenha por ir ao altar com êsse ornato. Havendo pessoas, mesmo irmãos ou outros parentes da moça, que saibam que esta não tem direito de usar a grinalda, comunicam o fato ao vigário, que então proíbe à noiva de usar o adôrno simbólico durante a cerimônia.

Não se empregam práticas abortivas, nem meios anticoncepcionais.

Conhecem-se apenas dois exemplos de infidelidade conjugal para um período de uns 50 anos. No primeiro dêsses casos, verificou-se o nascimento de várias crianças; a mãe destas era empre-

gada na casa do colono em apreço, e êste não tinha filhos com a esposa. No segundo caso, tratava-se igualmente dum matrimônio sem filhos; o marido deixou a esposa, abandonando a localidade em companhia duma jovem solteira; esta era duma família vinda de outra povoação, de normas morais menos rígidas.

Numa comunidade em que a moral sexual é regulada por princípios tão firmes, naturalmente não há prostituição.

Outrora era ilimitada a confiança entre os moradores. Empreitava-se dinheiro sem exigir escritura de dívida ou outra garantia qualquer. De mais a mais, era difícil encontrar alguém que soubesse redigir uma escritura em português. Além disso, na opinião de todos, um documento, para ter valor, devia ser escrito na língua do país. E, afinal, uma escritura de dívida é necessária sómente quando o devedor não quer pagar. Neste caso, porém, o credor deveria fazer valer os seus direitos por intermédio dos recursos judiciais, o que ninguém teria feito, mesmo sob pena de perder o dinheiro. É que o advogado e a justiça em geral não desfrutavam muita confiança.

Hoje em dia, os colonos mudaram o seu modo de pensar. Dizendo que a honestidade não é a mesma de outrora, exigem escritura de dívida, redigida em cartório. Até o presente, porém, não se registou nenhum processo por causa de dívidas, embora em outras ocasiões já se tenha recorrido à justiça e aos préstimos do advogado.

Dos trabalhos relacionados com a escola e com a igreja incumbem-se todas as famílias interessadas. São os "trabalhos comuns", a que chamam *Gemeindearbeiten*. Tratando-se da construção, conservação e manutenção da escola, participam todos os moradores que tenham filhos em idade escolar ou menores ainda. A contribuição de cada um consiste em dinheiro, material ou trabalhos prestados, conforme o caso. Cabe à diretoria da comunidade escolar organizar os trabalhos e determinar as contribuições das várias famílias.

Os "trabalhos comuns" relativos à igreja (*kirchliche Gemeindearbeit*) repartem-se de acôrdo com as duas confissões religiosas. Cada uma dessas tem os seus fabriqueiros, que vão tratar com o padre ou com o pastor, sempre que se torne necessário executar quaisquer serviços. Em tempos passados, o vigário comunicava

então na igreja os trabalhos que se deviam fazer, proclamando ao mesmo tempo a relação dos pais de família designados para a sua realização. Ninguém se negava a fazer o que dele se exigia e, em caso de impedimento, mandava-se um substituto pago. Atualmente, os fabriqueiros agem com autonomia bem maior, dando muitas vezes instruções e ordens sem aconselhar-se com o velho vigário; por isso mesmo, nota-se, porém, menos boa vontade no cumprimento das determinações, se bem que a relutância não chegue a gerar oposição aberta. O *kirchliche Gemeindegarbeit* consiste na construção e conservação da igreja e da residência do pároco, bem como das cercas que abrangem os terrenos adjacentes. No terreno da casa paroquial faz-se anualmente a limpeza do pasto e prepara-se uma pequena roça para o vigário, sendo os diferentes trabalhos, como transporte de estêrco, aração, plantação e capina distribuídos da maneira acima indicada. Além disso, cada família fornece ao pároco, anualmente, um centésimo da produção de milho.

Em grande parte, êsses deveres existem só para os católicos, porque o pastor protestante não reside na localidade.

A rodovia que atravessa o distrito é conservada por trabalhadores pagos pelo govêrno. De acôrdo com as posturas municipais, os proprietários das terras contíguas à estrada de rodagem são obrigados a fazer o roçado marginal e a limpar a valeta. Os outros caminhos, porém, são conservados pelos próprios moradores; quando muito, a prefeitura contribue com uma pequena subvenção, que os respectivos colonos então distribuem entre si. Todos os anos, quando é chegada a época dos trabalhos de conservação e consêrto, o morador mais prestigiado de cada zona convoca os demais para êsse fim. O prestígio decorre principalmente da situação econômica e da atitude autoritária com que o indivíduo consegue impor-se aos companheiros. Todos obedecem sem resmungar, mesmo que os trechos do caminho que careçam de consêrto não fiquem em terreno de sua propriedade.

Nesses trabalhos, como em todos os outros acima referidos, cada qual traz a sua merenda.

Tratando-se da construção duma casa em estilo antigo (*Fachwerk*), convidavam-se, pelos menos outrora, os vizinhos para auxiliarem. Nesses casos, cabe ao interessado fornecer as refeições aos que o beneficiam com a sua ajuda.

Nota:

Francisco S. G. Schaden -

Índios, Caboclos e Colonos -

Páginas de Etnografia, Sociologia e Folclore -

Observações Sociológicas numa Comunidade

Teuto-Brasileira - Páginas 85 a 92 -

Vol. 1 - Coleção da Revista de Antropologia -

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras -

Universidade de São Paulo - 1963.